



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Após discussão sobre meta de 2024, LDO deve ser votada nesta semana

Em semana um pouco mais curta, destaque para a provável votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2024 pelo Plenário da Câmara. A expectativa é que o deputado Danilo Forte (União-CE) apresente nesta terça-feira (21) seu relatório, mantendo a meta de déficit fiscal primário zero, conforme confirmado por membros do governo, após intensa discussão sobre uma possível flexibilização da meta, diante do elevado volume de receitas necessárias para atingi-la. A princípio, a estratégia do governo parece ser aguardar até março, quando será divulgado o 1º relatório bimestral de avaliação das receitas e despesas, e aí então, a depender da aprovação no Congresso das medidas elaboradas pelo Ministério da Fazenda (de aumento da arrecadação) e do comportamento da economia e das receitas, decidir se será necessário alterar a meta e para qual patamar (evitando assim um contingenciamento elevado de recursos).

Já agenda de indicadores é bastante enxuta e traz alguns dados de atividade e a possibilidade da divulgação dos dados de arrecadação de outubro. Hoje cedo (21), a FGV publica o resultado do Monitor do PIB, que assim como o índice IBC-Br, deve apontar que o PIB registrou algum recuo no 3º trimestre. Na sexta (24), também a Fundação divulga a sondagem de novembro da confiança dos consumidores, que vinha apresentando uma boa melhora, mas voltou a cair em outubro, com o aumento das incertezas. E, sem data definida, a Receita Federal (RFB) pode divulgar ao longo da semana o resultado da arrecadação de impostos de outubro, cuja expectativa é de queda real de 2,4% ante out/22, refletindo, especialmente, a queda da arrecadação de impostos ligados ao lucro (IRPJ/CSLL) das empresas (exportadoras de *commodities*).

No setor bancário, o Banco Central realiza nos dias 21 e 22 de novembro a reunião do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef). Em geral, o objetivo do Comitê é trazer uma análise aprofundada do SFN, e, se identificar fragilidades, tomar medidas para contorná-las, como, por exemplo, um aumento do nível de capitalização do sistema. Contudo, conforme apontado no último [Relatório de Estabilidade Financeira \(REF\)](#), o BCB considera que não há risco relevante, pois o SFN segue com níveis confortáveis de capitalização, liquidez e provisões adequadas. Assim, o Comef deve manter o Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCP) relativo ao Brasil em 0%, assim como tem decidido em suas últimas reuniões.

Na agenda internacional, destaque para a ata da última reunião do Fomc, que será divulgada hoje (21) à tarde. Os agentes devem buscar informações adicionais para projetar os próximos passos da política monetária nos EUA. Apesar do mercado ter praticamente descartado altas adicionais de juros, é importante ver se o Fed ratificará tal posição, ou se ainda vê alguma chance de alta no curto prazo.

Também serão divulgadas as prévias de novembro dos índices PMI dos EUA e da Zona do Euro. Em ambas economias é esperado que os números apontem alguma acomodação da atividade, embora em diferentes graus. Nos EUA, a divulgação acontecerá na sexta (24) e deve seguir mostrando que o setor de serviços segue em expansão (acima de 50 pts), apesar da moderação. Já na Europa, os dados saem na quinta (23) e mesmo com alguma recuperação esperada na margem, os índices PMI devem seguir em território contracionista tanto para os serviços, mas principalmente para a indústria.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
21/nov	FGV: Monitor do PIB	Set/23	-	-0,6% m/m 2,5% a/a
21-22/nov	BCB: Reunião do Comef	-	-	-
24/nov	FGV: Sondagem do Consumidor	Nov/23	-	93,2 pts
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Out/23	-2,4% a/a	-0,3% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/nov	China	Taxas Prime de 1 ano e 5 anos	Nov/23	3,45% aa / 4,20% aa	3,45% aa / 4,20% aa
21/nov	EUA	Ata da última reunião do Fomc	01/Nov/23	-	-
21/nov	EUA	Venda de casas existentes	Out/23	-1,5% m/m	-2,0% m/m
22/nov	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Nov/23 – prévia	-17,8 pts	-17,9 pts
22/nov	EUA	Pedidos de Bens Duráveis	Out/23	-3,2% m/m	4,7% m/m
22/nov	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Nov/23 – final	60,8 pts	63,8 pts
23/nov	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Nov/23 – prévia	43,5 pts / 48,1 pts	43,1 pts / 47,8 pts
24/nov	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Nov/23 – prévia	49,9 pts / 50,4 pts	50,0 pts / 50,6 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Dados de atividade frustram em setembro e PIB deve cair no 3T23

O setor de serviços e o índice IBC-Br recuaram em setembro, frustrando a expectativa de alguma melhora da economia no mês. Assim, a tendência é que o PIB registre retração no 3º trimestre, após o bom desempenho do 1º semestre.

Segundo o IBGE, o setor de serviços recuou 0,3% em setembro, abaixo das expectativas (+0,4%). Além disso, o instituto revisou para baixo o dado de agosto, de -0,9% para -1,3%.

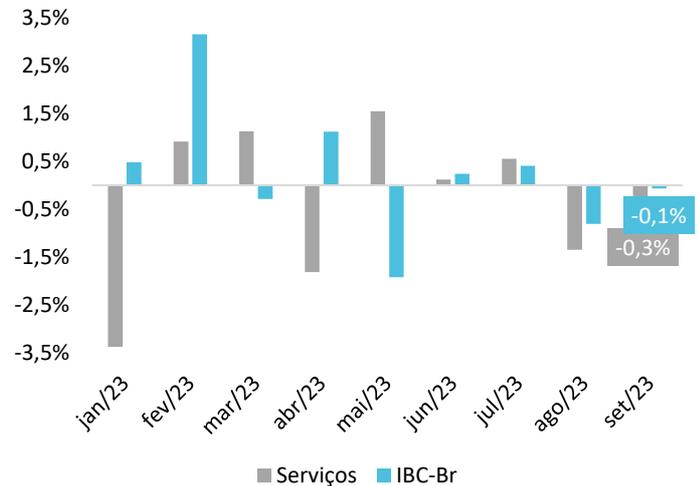
A queda do setor no mês foi puxada pelas atividades de serviços de informação e comunicação (-0,7%), profissionais e administrativos (-1,1%) e de transporte (-0,2%). Por outro lado, os serviços prestados às famílias se recuperaram da queda de agosto, avançando 3,0%, enquanto os outros serviços subiram 0,8% no mês.

Com isso, o setor ficou praticamente estável no trimestre, com alta de apenas 0,1%, abaixo do avanço do 2T23 (+0,3%). Além disso, 4 das 5 atividades recuaram no período, com as maiores quedas vindo do segmento de outros serviços (-1,8%) e transportes e armazenagem (-0,7%), neste caso, em função do fim da safra agrícola, que impactou especialmente a atividade de armazenagem (-5,2%) no trimestre. Na contramão, apenas os serviços prestados às famílias (+0,9%) seguiram em alta no período. Desta forma, o setor de serviços, que vinha se mantendo como o mais resiliente da economia, também começa a mostrar sinais de perda de tração.

Já o índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo BCB e considerado a prévia mensal do PIB, recuou 0,1% em setembro. O resultado também ficou abaixo da expectativa (+0,2%) e refletiu, principalmente, o fraco desempenho dos serviços (-0,3%), enquanto o varejo (+0,2%) e a indústria (+0,1%) tiveram um avanço tímido no período.

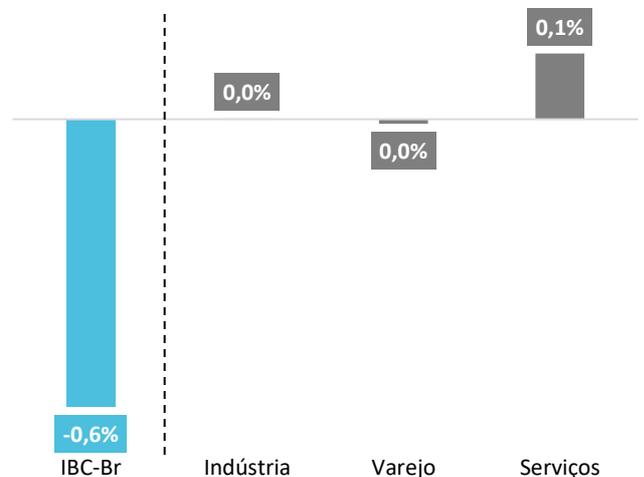
Assim, o índice registrou queda de 0,6% no 3º trimestre, após avançar 2,4% e 0,7% nos 1T23 e 2T23, respectivamente. Como comparação, o PIB avançou 1,8% e 0,9% nesta ordem. Portanto, tal recuo sinaliza alguma retração do PIB no período, refletindo, entre outros, o fim da colheita agrícola (e seus impactos positivos em outras atividades), a política monetária restritiva e a desaceleração global. O resultado oficial do PIB do 3T23 será divulgado pelo IBGE no dia 05 de dezembro.

Quadro 1: Setor de Serviços e Índice IBC-Br Var.% Mensal



Fonte: IBGE e BCB

Quadro 2: Indicadores de Atividade no 3T23 Var.% (ante o trimestre anterior)



Fonte: IBGE e BCB

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Dados de inflação e atividade nos EUA afastam chance de alta dos juros e animam os mercados

A semana foi novamente positiva para os ativos de risco, impulsionados por dados de inflação (CPI) mais brandos do que o esperado e sinais de arrefecimento da atividade nos EUA. As leituras retiraram parte da pressão sobre as *Treasuries*, cujos rendimentos dos títulos de 10 anos se afastaram da marca de 5% aa e voltaram a rodar pouco abaixo de 4,5% aa. O movimento reflete a consolidação da visão, quase unânime, de que o Fed não promoverá novas altas dos juros. Com isso, a discussão vai migrando para entender quando ocorrerá o início do processo de flexibilização monetária.

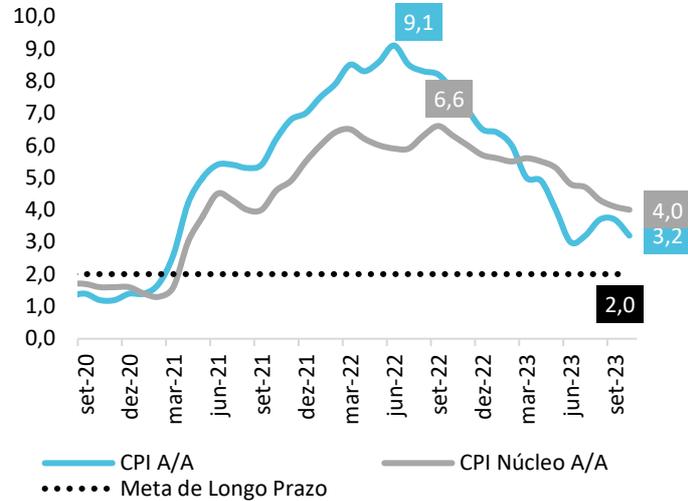
O CPI ficou estável no mês de outubro, desacelerando ante setembro (+0,4%) e com um número melhor do que o esperado pelo mercado (+0,1%). No mês, o resultado foi puxado para baixo pela queda no preço da gasolina (-5,0%) e dos veículos usados (-0,8%). Com o resultado, nos últimos 12 meses, o CPI desacelerou para 3,2% (ante +3,7% em set/23). Outro ponto positivo foi o núcleo do indicador (sem alimentos e energia) que subiu 0,2% no mês, também abaixo do esperado (+0,3%), levando o indicador em base anual para 4,0% (ante +4,1%). Já os preços ao produtor (PPI) caíram 0,5% em outubro, desacelerando em base anual de 2,2% para 1,3%.

Também houve sinais de moderação da atividade em outubro no país. A indústria caiu 0,6% no mês, mais do que o esperado (-0,3%), em função da queda no setor manufatureiro (-1,7%). Já as vendas no varejo recuaram 0,1%, embora menos do que o esperado (-0,3%).

Na China, a atividade deu sinais de melhora, porém, não de forma homogênea entre os setores. As vendas no varejo avançaram 7,6% (ante out/22), acima do consenso (+7,0%), enquanto a indústria subiu em linha com o esperado (+4,6% ante out/22). Na outra direção, a expansão dos investimentos em ativos fixos (que inclui o setor imobiliário) desacelerou para 2,9% (ante 3,1%) no acumulado do ano, sugerindo ainda fraqueza no setor. De toda forma, o Banco Central chinês (PBoC) voltou a adicionar liquidez no mercado, com o intuito de estimular a economia doméstica.

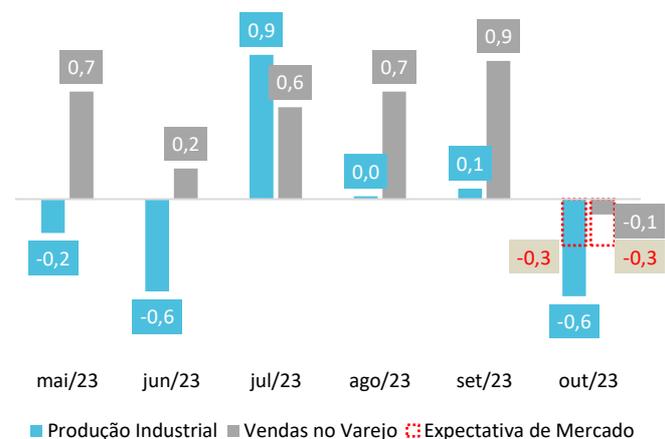
Por fim, na Zona do Euro, o CPI desacelerou para 2,9% (ante +4,3%), em base anual, puxado pela deflação dos preços de energia (-11,2%). O núcleo também desacelerou, mas de forma mais contida (de +4,5% para +4,2%). Ao mesmo tempo, os dados de atividade seguem mostrando números fracos. A produção industrial caiu 1,1% em set/23, pior que as estimativas (-0,9%), enquanto a 2ª leitura do PIB do 3T23 da região também apontou retração no período (-0,1%).

Quadro 3: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) e Núcleo do CPI - Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 4: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Quadro 5: China – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção de expansão do crédito volta a cair para 2023, mas sobe para 2024

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 19 bancos entre os dias 08 e 13 de novembro, apontou queda na projeção para o crescimento da carteira total em 2023, passando de 7,6% para 7,4% (ainda acima da projeção oficial do BCB, de 7,3% conforme o RTI de setembro). Por outro lado, a expansão esperada para 2024 se elevou, de 8,1% para 8,3%.

A revisão para baixo na projeção de 2023 ocorreu em praticamente todas as aberturas. Para a carteira livre, a expectativa de crescimento passou de 6,4% para 6,1%, devido à queda da projeção para o desempenho da carteira destinada às empresas (de 2,3% para 1,3%), num contexto de números ainda fracos no segmento. Na outra direção, a projeção da carteira destinada às famílias subiu de 9,1% para 9,5%.

Em relação à carteira direcionada, a expectativa saiu de uma alta de 9,2% para 8,8%, com queda tanto na projeção da carteira PJ (de 7,3% para 6,9%), como PF (de 10,2% para 9,8%), que ainda assim, seguirá com um bom ritmo de expansão, sustentada pelos programas públicos de crédito (em PJ) e o crédito rural (em PF).

Quanto à taxa de inadimplência esperada para a carteira com recursos Livres, a Pesquisa capturou estabilidade na projeção para 2023, seguindo em 4,9%, nível atual do indicador (dado de

setembro do BCB), reforçando o entendimento de que a trajetória de alta da inadimplência provavelmente se encerrou ou está bem próxima do seu pico (a despeito de alguma divergência entre os segmentos PF e PJ). Para 2024, houve ligeira alta, com a expectativa passando de 4,5% para 4,6%, mas ainda numa trajetória esperada de queda.

Para 2024, a projeção da carteira total foi novamente revisada para cima, subindo de 8,1% para 8,3%, liderada pela carteira com recursos direcionados (de 7,8% para 8,5%), especialmente PF (de 7,9% para 9,1%). Já a projeção para o crescimento da carteira livre sofreu ligeira revisão para baixo, de 8,4% para 8,2%, ainda sinalizando uma retomada ante a expansão projetada para este ano.

Assim, a pesquisa seguiu revisando para baixo a expectativa de crescimento do crédito neste ano, na esteira dos números relativamente modestos que ainda temos observado. Contudo, a queda da taxa de juros e da inadimplência, especialmente na carteira de crédito destinada às famílias, dá alguma confiança de que o mercado de crédito tende a ganhar tração em 2024, o que provavelmente explica essa melhora das expectativas.

O Quadro 6 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, comparando os resultados com o obtido na pesquisa anterior, realizada em setembro.

Quadro 6: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2023		2024	
	Pesquisa Set/23	Pesquisa Nov/23	Pesquisa Set/23	Pesquisa Nov/23
Carteira Total (var. % – total do SFN)	7,6	7,4	8,1	8,3
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	6,4	6,1	8,4	8,2
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	2,3	1,3	7,7	7,6
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,1	9,5	8,9	8,6
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	9,2	8,8	7,8	8,5
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,3	6,9	7,4	6,9
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,2	9,8	7,9	9,1
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,9	4,9	4,5	4,6

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

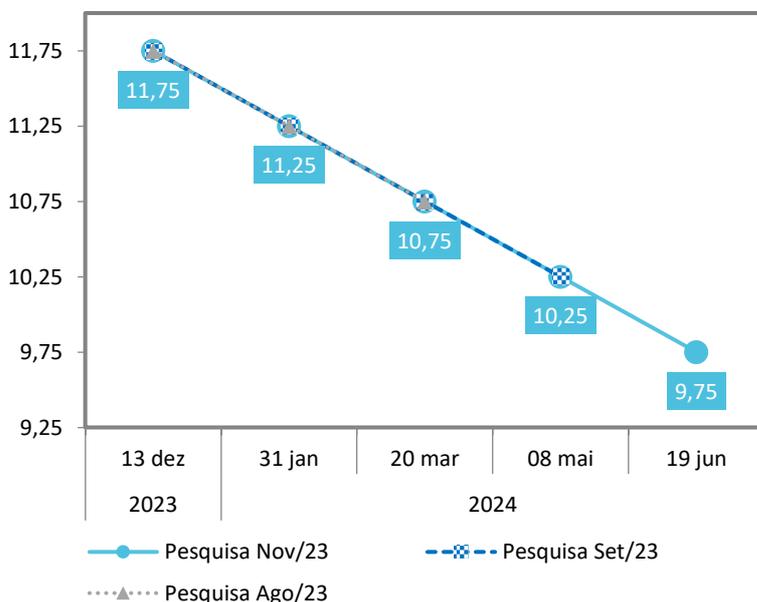
Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- A maioria (88,2%) dos participantes entendeu como adequada a sinalização do Copom de novos cortes de 0,50 pp da taxa Selic nas próximas reuniões, apesar da piora do cenário externo e do cenário inflacionário relativamente benigno, que poderiam alterar o ritmo de queda dos juros.
- Assim, a expectativa (mediana) é que o ritmo de cortes permaneça em 0,50 pp nas próximas reuniões, levando a Selic para 11,75% aa no fim deste ano (e seguindo neste mesmo ritmo até pelo menos junho de 2024, quando chegaria em 9,75% aa, conforme Quadro 7).
- Quanto à taxa Selic no fim do ciclo (Quadro 8), a maioria dos participantes (52,9%) já prevê um nível superior a 9,25% a.a., patamar apontado até o momento como a mediana do boletim Focus. Assim, a pesquisa sugere que o viés do consenso para a taxa Selic em 2024 segue em alta.
- A maioria (52,9%) dos participantes apontou que as discussões em torno da meta fiscal de 2024 ainda não alterou sua expectativa para o ritmo de cortes e/ou a taxa Selic no fim

do ciclo. Contudo, para uma parcela considerável (47,1%), tal discussão já alterou suas expectativas.

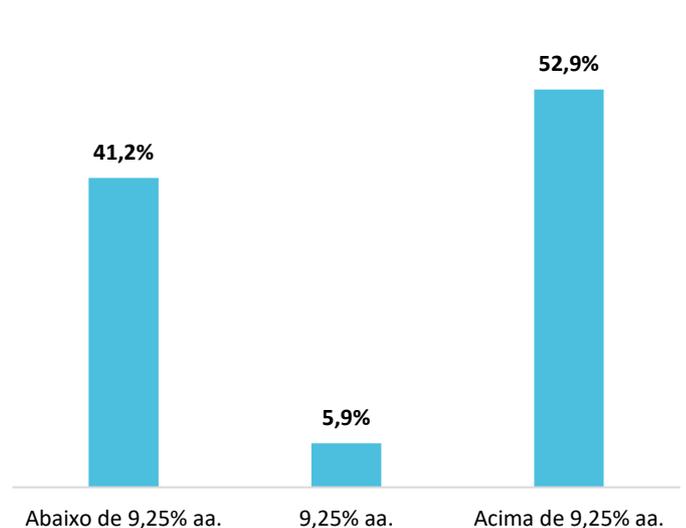
- Em relação à atividade, 70,6% dos participantes esperam que o crescimento econômico em 2024 fique em linha com o consenso (+1,5%). Porém, nota-se que ninguém aponta viés de baixa; enquanto cerca de 30% entendem que há um viés de alta para tais projeções, na esteira das sucessivas surpresas positivas observadas nos últimos anos.
- No cenário internacional, a ampla maioria (82,4%) dos participantes espera que o Fed não suba mais os juros e comece a reduzi-lo em meados do 2º semestre de 2024, em linha com o cenário base do mercado.
- Quanto à inadimplência da carteira PJ, não há consenso quanto à expectativa para o início do processo de queda do indicador. Para 43,8%, o ciclo de alta também deve acabar em breve (assim como em PF); enquanto para 37,5%, o fim do movimento de alta deve ocorrer apenas no 1º trimestre de 2024. Apenas uma minoria (12,5%) espera que o ciclo ainda demore mais para acabar.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 7: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 8: Expectativa para a taxa terminal da Selic



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

**Relatório de Estabilidade Financeira –
1º semestre de 2023**

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central divulgou recentemente o [Relatório de Estabilidade Financeira \(REF\) referente ao 1º semestre de 2023](#), trazendo uma análise detalhada do Sistema Financeiro Nacional (SFN). A principal mensagem do Relatório é que o BCB considera que não há risco relevante para a estabilidade financeira, pois o SFN segue com níveis confortáveis de capitalização e liquidez e provisões adequadas. A seguir, os principais pontos do Relatório em relação à rentabilidade, crédito, liquidez e solvência/testes de estresse:

Rentabilidade: continuou pressionada no primeiro semestre. O ROE acumulado dos últimos 12 meses do SFN ficou em 13,6% (-2,1 pp na comparação anual). Segundo o BCB, seguiram pesando sobre a rentabilidade do sistema: o aumento das provisões para devedores duvidosos (PDD), o menor crescimento das receitas operacionais (com juros e com serviços) e o aumento dos custos administrativos.

Contudo, houve alguma melhora na passagem do 1T23 para o 2T23, decorrente da menor pressão das despesas com PDD (melhora da qualidade das novas safras), maior peso das novas safras nas receitas de crédito (taxas de juros mais elevadas) e estabilização das despesas de captação. Além disso, o BCB avalia a perspectiva para a rentabilidade do SFN como positiva, com redução esperada das estimativas de perdas nas carteiras de crédito (menores gastos com PDD) e melhora da margem líquida de juros, dado que a redução da taxa Selic tende a reduzir o custo de captação das IFs, mas manter em nível elevado a receita com juros, pois parte relevante do estoque de crédito foi concedido com taxas mais elevadas (pré-fixadas). Porém, alertou que a discussão sobre o limite de juros cobrado do cartão rotativo requer atenção.

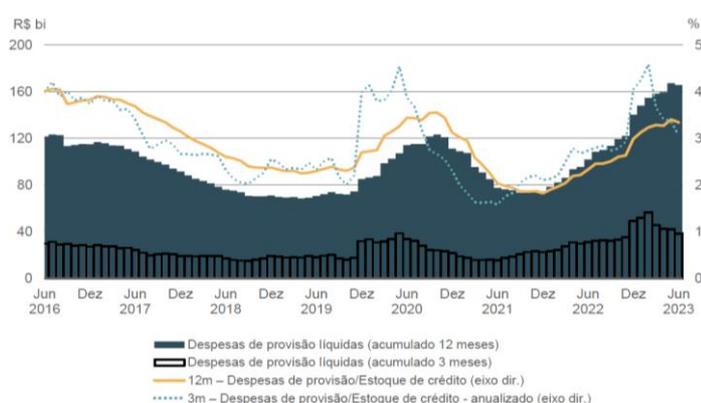
Quadro 9: Lucro Líquido e Rentabilidade (ROE) do Sistema Bancário



Fonte: Cosif – Metodologia própria
1/ Ajustados em função de resultados não recorrentes.

Fonte: REF/Bacen

Quadro 10: Despesas de Provisão (PDD)



Fonte: Cosif – Metodologia própria

Fonte: REF/Bacen

Crédito: o crescimento do crédito continuou desacelerando. Na carteira PF, este efeito foi mais forte nas linhas de maior risco (cartão de crédito e crédito pessoal não consignado). Entre as PJs, o movimento é generalizado, mas mais intenso entre as grandes empresas, que tem se financiado cada vez mais com o mercado de capitais. No caso das MPMEs, a expansão do crédito tem sido sustentada pelos programas emergenciais. Adicionalmente, observa-se redução do apetite ao risco pelas IFs, que tem adotado maior conservadorismo nos critérios das novas contratações.

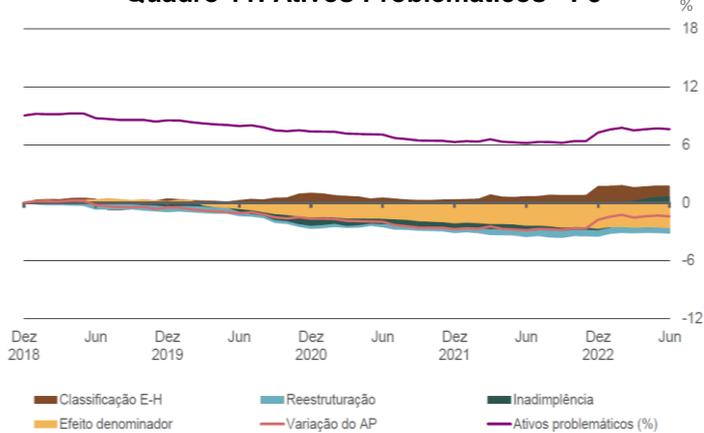
A materialização de risco deve permanecer elevada no médio prazo, mas tende a recuar nos próximos meses no crédito destinado às famílias, diante do menor crescimento das linhas mais arriscadas e melhora da qualidade das novas concessões. O BCB também estima que a piora na capacidade de pagamento parece estar próxima do fim, especialmente entre as famílias de baixa renda. Por outro lado, traz uma ressalva em relação ao crédito habitacional, que tem tido redução dos financiamentos no sistema SAC, aumento do prazo médio e maior volume de ativos problemáticos nas safras recentes.

Por outro lado, a materialização de risco nas PJs de menor porte (especialmente microempresas) segue em crescimento e não se vislumbra alteração deste cenário no curto prazo. No caso das grandes empresas, após o efeito Americanas, voltou a cair o percentual de ativos problemáticos, refletindo, em parte, a leve melhora da rentabilidade e dos índices de endividamento destas empresas.

Relatório de Estabilidade Financeira – 1º semestre de 2023

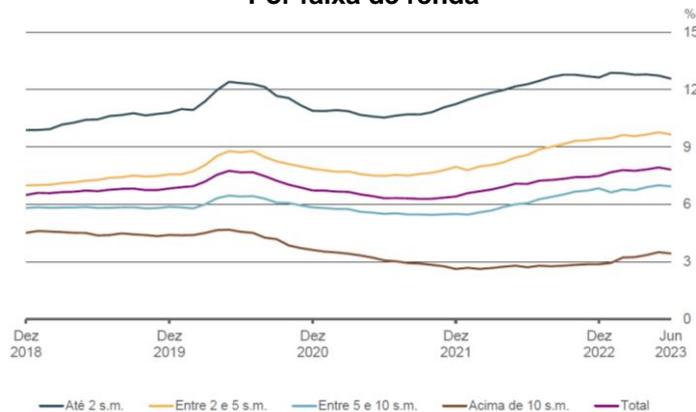
CRÉDITO / BANCOS

Quadro 11: Ativos Problemáticos - PJ



Fonte: REF/Bacen

Quadro 12: Ativos Problemáticos – PF
Por faixa de renda



Fonte: REF/Bacen

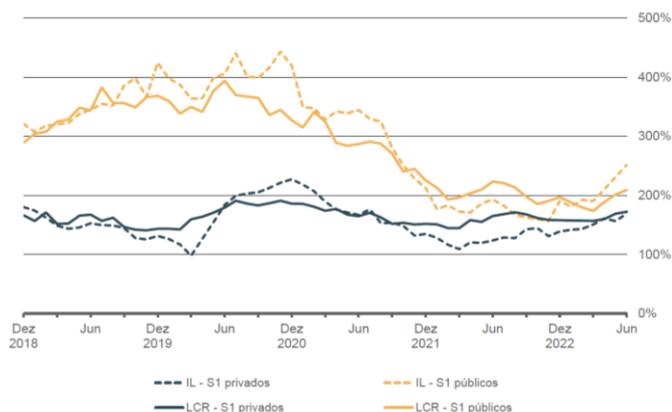
Liquidez: o sistema bancário mantém ativos líquidos suficientes para absorver potenciais perdas, inclusive em cenários de estresse. Ainda, as captações mantiveram seu crescimento estável, lideradas pelos depósitos à prazo e instrumentos com isenção tributária (LCA/LCI), enquanto a caderneta de poupança seguiu sofrendo saques. Ao mesmo tempo, a expansão do crédito apresentou arrefecimento. Assim, houve elevação da liquidez de curto prazo no sistema no 1º semestre.

Adicionalmente, persistiu a redução da concentração de mercado da captação do sistema, com o avanço das plataformas de investimento. A participação dos bancos do segmento S1 nas captações totais caiu de 79% no 1S20 para 70% neste 1S23.

Solvência: o sistema bancário mantém-se sólido e apto a sustentar o financiamento da economia. Os índices de capitalização seguem acima dos mínimos regulamentes, sendo que 98,5% das IFs são capazes de atender ao requerimento mínimo de Patrimônio de Referência (PR) usando apenas o Capital Principal (CP), de melhor qualidade. Além disso, o BCB pontuou que a margem de capital regulatória não é restrição para a expansão da oferta de crédito. Ainda, a estrutura de capital dos bancos públicos tem se tornado mais similar à dos bancos privados, diante da redução do Capital de Nível II, elevando, por outro lado, a participação do CP no PR, que saiu de 59,3% em meados de 2018 para 80,2% (nível muito próximo ao praticado pelos bancos privados).

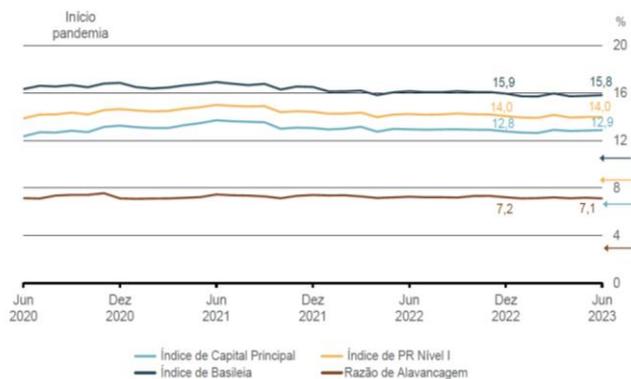
Por fim, os resultados dos testes de estresse indicam que o sistema bancário possui adequado nível de capitalização e resiliência em todos os cenários simulados.

Quadro 13: Índice de Liquidez (IL) e Liquidity Coverage Ratio (LCR)



Fonte: REF/Bacen

Quadro 14: Índices de Capitalização e Exigência regulatória



* O valor calculado da Razão de Alavancagem considera apenas conglomerados bancários pertencentes aos segmentos S1 e S2, conforme Resolução 4.615/2017.

Fonte: REF/Bacen

Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC/BCB)

CRÉDITO / BANCOS

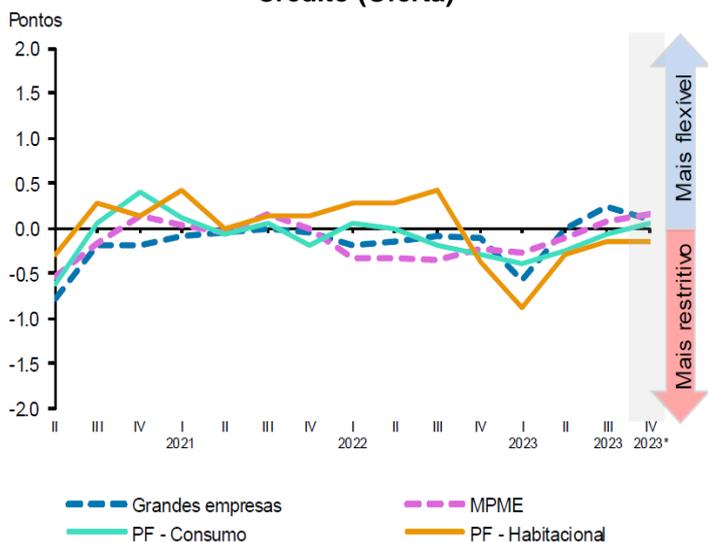
O Banco Central do Brasil passou a divulgar o relatório referente à [Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito \(PTC\)](#), feito a partir de um questionário enviado às instituições financeiras. Até então, a PTC era um capítulo do Relatório de Estabilidade de Finança (REF).

A pesquisa, feita junto aos bancos desde 2011, procura coletar a avaliação do SFN sobre as mudanças observadas nos últimos três meses e as perspectivas para os próximos três, em relação às condições de oferta e demanda por crédito para os seguintes segmentos: i) grandes empresas; ii) micro, pequenas e médias empresas (MPMEs); iii) crédito pessoal para consumo; iv) crédito habitacional.

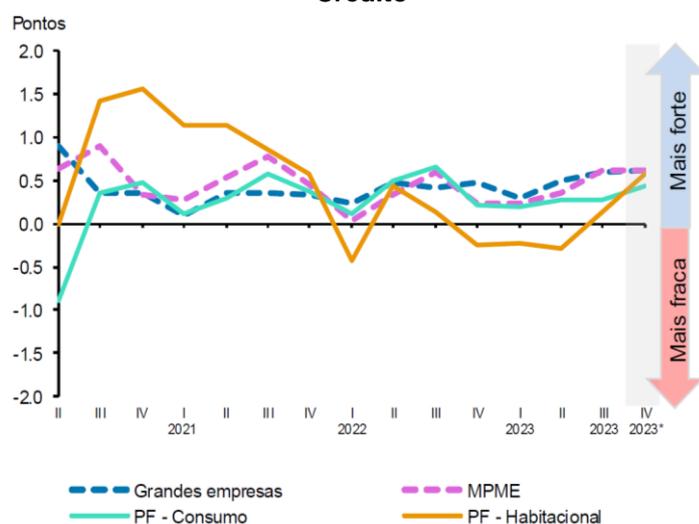
Segundo o BCB, os principais destaques captados na Pesquisa realizada no 3T23 foram:

- As condições de oferta no 3T23 foram mais flexíveis no segmento PJ, em especial para as grandes empresas, do que para as pessoas físicas.
 - Nota-se uma redução da percepção de risco sobre as grandes empresas, diante da melhora das condições gerais da economia e passado o estresse com o caso Americanas (e outros episódios de recuperação judicial de grandes empresas).
- A expectativa é que a oferta de crédito seja menos restritiva no 4T23, em relação ao 3º trimestre, em todos os segmentos, exceto no crédito habitacional, que segue com problema de *funding* (retirada de recursos da caderneta de poupança).
- Há sinais de melhora nos fatores de oferta para as pessoas físicas no 4T23, devido à redução da preocupação com o comprometimento de renda das famílias, embora continue a preocupação com a inadimplência no segmento.
- Além disso, espera-se que a demanda por crédito siga em níveis positivos, diante da redução das taxas de juros.
- Quanto à inadimplência, a expectativa é que esta siga relativamente estável no trimestre.

Quadro 15: Indicador de Padrão de Aprovação de Crédito (Oferta)



Quadro 16: Indicador de Demanda pelas Linhas de Crédito



Fonte: PTC/Bacen. Os valores do 4T23 correspondem às expectativas dos respondentes para o trimestre. Os demais correspondem às percepções sobre a situação atual.

Resultado Corporativo 3º Tri/23 Caixa Econômica Federal

CRÉDITO / BANCOS

A Caixa Econômica Federal (CEF) registrou lucro líquido contábil de R\$ 3,2 bilhões no 3º trimestre de 2023, o que corresponde a uma alta de 25,5% ante o trimestre anterior e praticamente estabilidade no comparativo anual (+0,5%). Com o resultado, a rentabilidade (ROE) acumulada em 12 meses da CEF atingiu 8,0%, recuando 1,2 pp ante o registrado no 3T22. Vale ressaltar que a análise do lucro contábil inclui no resultado do 3T22 o “desreconhecimento” de obrigações com juros e atualização monetária com Instrumentos Híbridos de Capital e Débito (IHCD), evento que impulsionou o lucro em R\$ 443 mi na ocasião. Sem tal efeito, a alta do lucro ante o 3T22 teria sido de 16,5%.

No comparativo anual, houve crescimento da margem financeira (+15,7%), com bom desempenho da margem com clientes (+17,0%) e com o mercado (aplicações interfinanceiras de liquidez +30,3%; títulos e valores mobiliários +6,4%). Uma contribuição menor, mas também positiva, veio das receitas com serviços (+1,2%), com maiores ganhos em tarifas de conta corrente (+8,6%) e cartões (+3,8%). Por outro lado, consumindo quase todo ganho da margem e das receitas, as despesas com PDD subiram 59,3% ante o 3T22, atingindo R\$ 4,6 bi, em meio ao crescimento da carteira de crédito da instituição e avanço da inadimplência. Contudo, na margem, houve ligeira queda da PDD (-2,6%), em linha com os sinais de estabilidade da inadimplência. Já as despesas subiram 2,4% (em 12 meses). De um lado, as despesas de pessoal subiram 4,6%; de outro, as outras despesas administrativas caíram 2,1%.

A carteira de crédito da CEF atingiu R\$ 1,091 tri, avançando 11,7% ante o 3T22. A alta segue impulsionada pelo crédito imobiliário (+14,6%), que representa 65% do total da carteira da IF. A carteira do agronegócio também registrou um forte avanço (+29,9%), mas ainda possui baixa representatividade (5%). Já o crédito comercial subiu 3,0%, com alta de 4,0% em PF e apenas 1,7% em PJ.

A inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 2,67% da carteira, caindo 0,12 pp no tri, mas ainda subindo na comparação anual (+0,73 pp). Na comparação ante o trimestre anterior, houve melhora do índice na carteira do imobiliário (-0,1 pp, para 2,0%) e de infraestrutura (-0,1 pp, para 3,6%); na contramão, subiu na carteira com recursos livres, tanto em PJ (+0,8 pp, para 6,8%), como PF (+0,2 pp, para 4,2%).

Por fim, como a CEF é o banco mais relevante do mercado no crédito imobiliário, a instituição segue reportando perda no saldo da caderneta de poupança (-0,3% em 12 meses), mas ainda assim, menor que a queda do mercado (SBPE: -3,0%). Como forma de compensar, a CEF vem elevando (+203,5% ante o 3T22) sua captação via Letra de Crédito Imobiliário (LCIs). Com isso, a pressão por *funding* para o crédito habitacional é contornada, mas com um custo maior, explicando, em parte, o aumento das taxas de juros da modalidade.

Quadro 17: CEF – DRE

Ítem de Resultado (R\$ milhões)	3T23	2T23	Δ%	3T22	Δ%	9M23	9M22	Δ%
Lucro Líquido	3.241	2.582	25,5	3.224	0,5	7.757	7.599	2,1
Resultado Operacional	2.956	2.735	8,1	4.179	-29,3	7.067	7.460	-5,3
Margem Financeira	14.522	14.874	-2,4	12.549	15,7	43.294	35.952	20,4
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa (PCLD)	(4.629)	(4.751)	-2,6	(2.905)	59,3	(14.371)	(10.704)	34,3
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	9.893	10.124	-2,3	9.643	2,6	28.923	25.248	14,6
Receita com Prestação de Serviços ¹	6.552	6.342	3,3	6.473	1,2	19.096	18.649	2,4
Despesas de Pessoal	(6.914)	(6.825)	1,3	(6.607)	4,6	(20.619)	(18.859)	9,3
Outras Despesas Administrativas	(3.245)	(3.031)	7,1	(3.316)	-2,1	(9.344)	(8.987)	4,0

Quadro 18: CEF – Carteira de Crédito Ampliada

Valor em R\$ milhões	Set23	Jun23	Δ%	Set22	Δ%
Imobiliário	707.943	682.820	3,7	618.004	14,6
Crédito Comercial	214.480	214.958	-0,2	208.191	3,0
Pessoas Físicas	125.044	125.945	-0,7	120.259	4,0
Pessoas Jurídicas	89.436	89.014	0,5	87.932	1,7
Saneamento e Infraestrutura	100.587	98.530	2,1	94.932	6,0
Agronegócio	52.352	49.390	6,0	40.293	29,9
Outros Créditos	16.004	15.938	0,4	15.598	2,6
Crédito	1.091.366	1.061.637	2,8	977.017	11,7

Fonte: RI CEF.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	17/11/23	10/11/23	20/10/23	Viés	17/11/23	10/11/23	20/10/23	Viés
IPCA (%)	4,55	4,59	4,65	▼	3,91	3,92	3,87	▼
PIB (% de crescimento)	2,85	2,89	2,90	▼	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	9,25	9,25	9,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,00	5,00	↔	5,05	5,08	5,05	▼

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	17/11/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL	4,91	0,01%	-2,55%	-7,02%	-9,17%
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	153,02	-7,49%	-16,44%	-39,77%	-42,64%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	12,00	-0,51%	-1,69%	-12,10%	-12,42%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,52	-2,79%	-5,63%	-21,56%	-25,70%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,65	-2,92%	-7,97%	-15,57%	-19,55%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	124.773,21	3,49%	10,28%	13,70%	13,74%
Índice Ibovespa (em pontos)	12.267,84	1,43%	11,09%	19,65%	22,60%
IFNC (setor financeiro)	4,91	0,01%	-2,55%	-7,02%	-9,17%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	37,50%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,89	-3,49%	-3,97%	10,39%	9,74%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,44	-4,65%	-10,05%	14,47%	17,78%
Dollar Index	103,92	-1,84%	-2,57%	0,38%	-2,60%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.514,02	2,24%	7,64%	17,57%	14,38%
Índice de ações de bancos – EUA	94,54	9,22%	13,05%	-17,14%	-21,63%
Índice Euro Stoxx 50	4.340,77	3,42%	6,89%	14,42%	11,92%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	115,13	4,09%	6,82%	20,10%	24,88%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	80,61	-1,01%	-7,78%	-6,17%	-10,21%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira